
Inequidades na difusão e visibilidade do conhecimento: por que deveríamos nos importar?¹

Inequidades en la difusión y visibilidad del conocimiento:
¿por qué deberían importarnos?

Inequities in the diffusion and visibility of knowledge:
why should we care?

Clara Duarte Cuervo²

Pamela Talero Cabrejo³

Tradução: Camila Mesina⁴

Duarte Cuervo, C. e Talero Cabrejo, P. (2022). Inequidades na difusão e visibilidade do conhecimento: por que deveríamos nos importar? / Inequidades en la difusión y visibilidad del conocimiento: ¿por qué deberían importarnos? (C. Mesina, trad.). *Revista Ocupación Humana*, 22(1), 3-11. <https://doi.org/10.25214/25907816.1372>

Nas duas últimas décadas, a difusão⁵ do conhecimento tem vivido um processo intenso de mercantilização centrado na atividade de publicação. Neste processo, o artigo científico pode ser considerado como sua mercadoria e, desse modo, as revistas se tornaram uma condição que confere ou diminui seu valor (Collyer, 2016; Kiesslich et al., 2021; Salatino e López, 2021).

¹ Uma versão abreviada deste texto foi apresentada no VI Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional, Brasil, 2 de setembro de 2021.

² Terapeuta ocupacional. Mestre em Saúde Pública. Doutoranda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos. Nemocón, Colômbia. editorial@tocolombia.org  <https://orcid.org/0000-0001-6901-7335>

³ Terapeuta ocupacional. Doutora em Terapia Ocupacional. Professora assistente adjunta, Thomas Jefferson University. Filadélfia, Pensilvânia, Estados Unidos da América. pamela.talero@jefferson.edu  <https://orcid.org/0000-0002-1057-9736>

⁴ Bacharel em Linguística Aplicada em Tradução, menção Inglês-Português. Universidad de Santiago de Chile. Santiago de Chile, Chile. camila.mesina.r@usach.cl

⁵ De acordo com Estrada (2002), a difusão do conhecimento refere-se aos mecanismos usados para divulgá-lo nas comunidades acadêmicas e de pesquisa, por exemplo, em congressos, conferências, revistas e artigos científicos. Trata-se, portanto, de um conceito que pode ser diferenciado da disseminação (relacionada a estratégias voltadas para o público geral) e da comunicação (relacionada ao intercâmbio de conhecimentos e experiências).

As revistas científicas foram criadas como uma forma de comunicação e validação do conhecimento nas comunidades científicas. Por conseguinte, é comum que fossem e que ainda sejam editadas por associações científicas ou profissionais (como é o caso da maioria das revistas de Terapia Ocupacional em todo o mundo) ou por universidades. Neste contexto, a revisão por pares, além de ser uma característica indispensável para que uma revista científica seja considerada como tal, é vital para a validação que a própria comunidade faz do conhecimento que ali é construído (Kharasch et al., 2021). Isto é importante porque a função das comunidades científicas (dar valor ao conhecimento), neste processo de mercantilização, é assumida por outros atores e, ao mesmo tempo, cedida por estas comunidades. Em breve, tentaremos entrar em detalhes sobre como isto acontece.

Figura 1. Circuitos dominantes do conhecimento



Fonte: elaboração própria.

Segundo mostra a figura 1, as bases de dados (ou índices) são contentores e organizadores de revistas e artigos e são úteis para que pesquisadores e pesquisadoras lidem com a quantidade de informação científica que atualmente é produzida e circulante no mundo. Existem bases de dados temáticas, por campo ou região de conhecimento, que cobrem determinados nichos desta produção⁶. A inclusão de uma revista em uma base de dados científica requer, em geral, o cumprimento de critérios técnicos relacionados à qualidade editorial. Até este ponto, o sistema parece fazer sentido e ser útil.

⁶ Por exemplo Lilacs, no caso das ciências da saúde na América Latina e no Caribe, uma base de dados aberta, não comercial e gerenciada pela Organização Pan-Americana da Saúde.

No entanto, existem bases de dados com um escopo internacional e multidisciplinar, criadas pelas corporações editoriais multinacionais com fins lucrativos, incluindo a *Web of Science* (WoS) e a Scopus. A primeira pertence à empresa Clarivate Analytcs e a segunda pertence à editora holandesa Elsevier. Estas empresas estão entre as seis editoras dominantes no mercado editorial mundial e são responsáveis aproximadamente do 60 % das revistas incluídas por esses índices (Larivière et al., 2015; Shapiro, 2013).

Além de atender aos critérios de qualidade editorial, para ser indexada na *Web of Science* ou na Scopus, uma revista deve demonstrar que é competitiva nesse ambiente, isto é, que seus artigos são citados nas revistas já pertencentes a uma das bases de dados acima mencionadas. É, portanto, um sistema adaptado às revistas que produz.

Como parte da sua estratégia para consolidar o mercado do conhecimento, estas empresas criaram rankings para classificar revistas (Clarivate/WoS tem o *Journal Citation Report- JCR* e Elsevier/Scopus tem o *Scimago Journal Rank- SJR*). Através deles, oferecem a seus clientes (universidades, pesquisadores e pesquisadoras, estudantes, comunidades acadêmicas em geral) um critério de avaliação. Ao mesmo tempo, criam para seus produtos concorrentes (revistas) um objeto de desejo: a posição no ranking (quartis). Esta avaliação –que agora é assimilada com qualidade do conhecimento– é baseada nas citações recebidas pelos artigos e é traduzida em indicadores, o mais conhecido deles é o fator de impacto: um indicador, com limitações devidamente documentadas, como ferramenta de avaliação da pesquisa (Kiesslich et al., 2021; Nature, 2005; Rozemblum et al., 2021; Salatino e López, 2021; Seglen, 1997; The Plos Medicine Editors, 2006; Vanclay, 2012).

Vários estudos mostraram que, embora tenha aumentado nos últimos anos, as revistas latino-americanas têm uma participação mínima na *Web of Science* e na Scopus (Repiso et al., 2019; Salatino, 2017; Salatino e López, 2021; Sobrido-Prieto et al., 2021). Isto se refere tanto ao número de revistas indexadas quanto ao número de citações que estas recebem. Em 2017, apenas 2,3 % estavam indexadas na *Web of Science* e 8 % na Scopus (Salatino, 2017). A maioria dos países da América Central e do Caribe não tem participação nenhuma nestas bases de dados (Salatino e López, 2021). Em contrapartida, somente como referência, o estudo de Repiso et al., (2019) mostra que 97 % das revistas publicadas por universidades, incluídas no quartil Q1 da *Web of Science*, correspondiam a universidades britânicas e americanas.

Simultaneamente, bases de dados regionais, abertas e gratuitas como Latindex, Scielo e Redalyc, bem como DOAJ, coletam grande parte da literatura científica latino-americana (Salatino e López, 2021). Estas foram criadas com o alvo de favorecer o diálogo, o intercâmbio e a colaboração regional, e ainda promovem o acesso aberto ao conhecimento. Mesmo assim, são subvalorizadas nos sistemas nacionais de avaliação científica e são subestimadas nas revisões de literatura.

Como outros setores do mundo globalizado, o mercado editorial conseguiu consolidar o mercado do conhecimento, obtendo uma maior influência sobre todo o sistema: pesquisadores e pesquisadoras; publicações; grupos de pesquisa; universidades; sistemas de alocação de bolsas e recursos públicos e privados para pesquisa; sistemas de contratação, promoção e alocação salarial docente; políticas nacionais de ciência, tecnologia e inovação, entre outros. Em todos esses níveis, a afiliação e inclusão na *Web of Science* e na *Scopus* têm uma influência importante que aprofunda as brechas, inequidades e exclusões; isto molda e transforma as práticas científicas (Salatino e López, 2021) ao mesmo tempo que gera distorções no sistema de produção de conhecimento.

Uma dessas distorções é que o valor atribuído aos artigos – e não o impacto social da pesquisa – acaba determinando o prestígio e o reconhecimento do pesquisador ou da pesquisadora. Aqueles que não atingem esses índices são pressionados a aumentar a produção de certos tipos de pesquisas e publicações, as quais não só correm o risco de ser precipitadas ou proporcionar poucas contribuições ao conhecimento, mas também são artigos desligados da realidade e necessidades locais (Kharasch et al., 2021). Ao mesmo tempo, o anterior cria uma cultura de produção e consumo do conhecimento que confere mais valor a aquilo que é publicado em revistas científicas com um alto fator de impacto, a maioria das quais são produzidas no Norte Global, em língua inglesa e com a participação de empresas editoras com fins lucrativos.

Esse é o caso da Terapia Ocupacional. Como mostrado no quadro 1, apenas 11 revistas disciplinares foram incluídas no *Scimago Journal Rank* da *Scopus* até 2020 e só dez delas tem origem no Norte Global. Estados Unidos e a Inglaterra controlam a produção com oito. Neste grupo existe apenas uma revista latino-americana, os *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, no 11º lugar e no quartil Q4 entre as revistas de alto impacto da disciplina, com uma notável diferença nos indicadores com base em citações, isto em comparação com aquelas revistas que estão nos primeiros lugares. Todas essas revistas publicam seus artigos em inglês e nove delas publicam exclusivamente nessa língua. Aliás, nove são gerenciadas total ou parcialmente pelas editoras dominantes no mercado: Wiley, SAGE ou Taylor & Francis.

O que isso implica? Por um lado, envia uma mensagem clara de uma hegemonia anglo-eurocêntrica do conhecimento em Terapia Ocupacional. Por outro, embora nossas e nossos profissionais possam publicar nestas revistas, têm que se aderir a regras que não refletem necessariamente o tipo de práticas e formas de conhecer como terapeutas ocupacionais na América Latina. Além disso, o papel e a autonomia das comunidades profissionais ou científicas para organizar, construir e definir a forma como valorizam o conhecimento dentro de si mesmas é deixado em segundo plano e grande parte dessas decisões estão na posse de bases de dados e editoriais.

Quadro 1. Revistas de Terapia Ocupacional em *Scimago Journal Rank (SJR)* 2020

Posição	País	Nome	Quartil SJR	Índice H	Total citações (3 anos)	Língua(s)	Entidade responsável	APC ⁶	Livre Acesso
1	Estados Unidos	American Journal of Occupational Therapy	Q1	82	650	Inglês	American Occupational Therapy Association	Não	Não
2	Reino Unido	Australian Occupational Therapy Journal	Q1	44	340	Inglês	Wiley-Blackwell Publishing Ltd/ Occupational Therapy Australia	Híbrido	Híbrido
3	Canadá	Canadian Journal of Occupational Therapy	Q1	55	180	Inglês/ Francês	SAGE Publications Inc./ Canadian Occupational Therapy Association	Sim	Não
4	Reino Unido	Occupational Therapy International	Q2	37	133	Inglês	Hindawi Limited	Sim	Sim
5	Estados Unidos	OTJR Occupation, Participation and Health	Q2	40	140	Inglês	SAGE Publications Inc./The American Occupational Therapy Foundation	Híbrido	Híbrido
6	Reino Unido	British Journal of Occupational Therapy	Q2	46	300	Inglês	SAGE Publications Inc./ Royal Colleague of Occupational Therapists	Híbrido	Híbrido
7	Reino Unido	Journal of Occupational Therapy, Schools, and Early Intervention	Q3	10	75	Inglês	Taylor & Francis	Sim	Não
8	Hong Kong	Hong Kong Journal of Occupational Therapy	Q3	13	44	Inglês	SAGE Publications/ Hong Kong Occupational Therapy Association	Sim	Sim
9	Estados Unidos	Occupational Therapy in Health Care	Q3	24	105	Inglês	Taylor & Francis	Sim	Não
10	Reino Unido	Irish Journal of Occupational Therapy	Q3	2	12	Inglês	Emerald Group Publishing Ltd./ Association of Occupational Therapists of Ireland	Híbrido	Híbrido
11	Brasil	Brazilian Journal of Occupational Therapy / Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Q4	4	65	Inglês/ Português/ Espanhol	Universidade Federal de Sao Carlos	Sim	Sim

Fonte: adaptado do relatório gerado por *Scimago, Journal & Country Rank* (Scimago, 2021).

⁶ A sigla APC significa "custos de processamento de artigos" (*Article Processing Charges* em inglês). Trata-se do pagamento que os autores devem fazer para publicar um artigo em uma revista científica, o que inclui pagamentos feitos em sistemas híbridos para tornar o texto disponível para consulta de acesso aberto.

Entretanto, um elemento linguístico fundamental na disparidade da difusão do conhecimento é que se privilegie o inglês como língua franca, especialmente quando as editoras e os sistemas de avaliação do conhecimento incentivam a publicação em revistas com altos fatores de impacto. Quando a ciência se comunica exclusivamente em inglês, arrisca sua principal missão: informar ao público (Céspedes, 2021; Federation of Finnish Learned Societies, 2019). Porém, fundamentalmente, corrói as práticas locais de elementos linguísticos chaves para a compreensão e o trabalho no contexto social. Os dados apresentados acima sobre as revistas de Terapia Ocupacional no *Scimago Journal Rank* mostram que não existe um incentivo suficiente para que pesquisadores publiquem em sua língua nativa, nem para reconhecer e estudar o conhecimento que é produzido no Sul Global. Isto limita a divulgação e o impacto das revistas científicas latino-americanas, mas também a forma como pensamos, ensinamos e implementamos o conhecimento.

Existe ainda outro elemento que não pode ser ignorado: segundo o Instituto de Estadística da Unesco (2021), os países da América Latina, com exceção do Brasil e do México, estão na periferia dos investimentos em ciência, tecnologia e inovação. Ainda assim, em países como a Colômbia, cujo orçamento para educação, pesquisa e desenvolvimento é limitado, algumas universidades investem anualmente grandes quantidades de dinheiro em bases de dados (*Bases de datos: ¿una pérdida de plata para las universidades?*, 2017). Soma-se a isto o dinheiro que gastam – quando isso ocorrer – em taxas de publicação e serviços de tradução para que seus e suas pesquisadoras possam publicar em inglês em revistas indexadas na *Web of Science* e na Scopus. Muitas vezes, uma universidade – e um Estado, se for universidade pública – não somente financia a pesquisa, mas também paga para publicá-la e depois ter acesso a esta.

Esta situação fez com atores do Sul Global e do Norte Global questionem os circuitos dominantes do conhecimento, com o objetivo de estabelecer modelos alternativos para a produção, difusão e apropriação social do conhecimento. Desse modo, fazem sentido as iniciativas científicas abertas, assim como as práticas de cocriação e coprodução de conhecimento, as quais promovem encontros de saberes dentro de seu contexto social, integrando também a práxis como um elemento de origem, escrita e resultado do conhecimento. Além disso, incluem-se também a criação de redes de cooperação em pesquisa Sul-Sul e Norte-Sul e projetos de alcance mundial com aplicações locais.

Os esforços coletivos para gerar uma massa crítica para a transformação de práticas nos circuitos do conhecimento incluem, entre outros, o Fórum Latino-Americano de Avaliação Científica (FOLEC) (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais [CLACSO], 2021); a Iniciativa de Helsinque sobre o Multilinguismo na Comunicação Científica (*Federation of Finnish Learned Societies et al.*, 2019); AmeliCA, conhecimento aberto sem fins lucrativos na academia (Becerril-García e Aguado-López, 2019) e a Declaração de São Francisco sobre Avaliação da Pesquisa [DORA] (DORA e Pardal-Peláez, 2018), da qual a *Revista Ocupación Humana* é signatária. A principal recomendação desta declaração é que as métricas baseadas em revistas –

como o fator de impacto – não devem ser usadas como uma medida substituta da qualidade dos artigos de pesquisa para avaliar as contribuições de um ou uma pesquisadora, ou nas decisões de recrutamento, promoção ou financiamento.

A mobilização do conhecimento implica não somente sua transferência, mas também um processo dinâmico de reflexão e retroalimentação que valoriza as relações coletivas, o bem-estar dos outros e, por que não, um processo social dinâmico de resistência, se visto do ponto de vista da mobilização social orientada ao diálogo, à negociação e ao consenso (Cardinalli e Silva, 2021). Como Naidorf e Alonso (2018) explicam, este é um processo de três etapas que inclui a definição de agendas de pesquisa, o estabelecimento de parâmetros de avaliação de acordo com as necessidades nacionais e regionais e, finalmente, o uso do conhecimento para a tomada de decisões de diferentes tipos.

Então, convém nos perguntar: quem e como se define o impacto do conhecimento? Na Terapia Ocupacional, nosso conhecimento não apenas impacta nossos fundamentos profissionais, mas também tem efeitos na vida de alguém em algum lugar, especialmente pessoas e grupos sociais que, por suas diferenças, são majoritariamente colocados à margem, a menos que contribuam no sistema de produção e consumo. É por isso que o valor do conhecimento local é essencial.

Definir o impacto do conhecimento tem relação com quem diretamente se afeta ou beneficia com o que está sendo pesquisado. Os processos de conhecimento estão ligados ao contexto, portanto, devem ser considerados como um bem público comum. Como última análise, quem lemos e citamos tem repercussões não só na forma como disseminamos o conhecimento da região latino-americana, mas também, na forma como pensamos, formamos e praticamos a Terapia Ocupacional em nossos países. As disparidades na produção, difusão e mobilização do conhecimento, a desigualdade mundial como resultado das desigualdades entre e dentro dos países, não têm um efeito apenas na nossa presença em bases de dados e nas métricas pelas quais pesquisadores recebem financiamento e reconhecimento. Têm também efeito direto sobre a saúde, o bem-estar e sobre a vida das pessoas e comunidades com as quais cada terapeuta ocupacional trabalha diariamente.

Referências

- Bases de datos: ¿una pérdida de plata para las universidades? (2017, 9 de mayo). *Universidades*. *Semana*. <https://www.semana.com/educacion/articulo/bases-de-da-tos-universitarias-presupuesto-para-investigacion-en-colombia/524572/>
- Becerril-García, A. e Aguado-López, E. (2019). Redalyc – AmeliCA. *Un modelo de publicación sin fines de lucro para conservar la naturaleza académica y abierta de la comunicación científica*. UNESCO, CLACSO y Redalyc.
- Cardinalli, I. e Silva, C. R. (2021). Trajetórias singulares e plurais na produção de conhecimento de terapia ocupacional no Brasil. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2040>
- Céspedes, L. (2021). Revistas latino-americanas e línguas hegemônicas para publicação acadêmica no Scopus e Web of Science. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 60(1), 141-154. <https://doi.org/10.1590/010318138901311520201214>
- Collyer, F. M. (2016). Global patterns in the publishing of academic knowledge: Global North, global South. *Current Sociology*, 66(1), 56-73. <https://doi.org/10.1177/0011392116680020>
- Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais [CLACSO] (2021). *Foro Latinoamericano sobre Evaluación Científica* (FOLEC). CLACSO. <https://www.clacso.org/folec/>
- Declaration on Research Assessment [DORA] e Pardal-Peláez, B. (2018). Declaración de San Francisco sobre la evaluación de la investigación. *Revista ORL*, 9(4), 295–299. <https://doi.org/10.14201/orl.17845>
- Estrada L. (2002). La divulgación de la ciencia. En J. Tonda, A. M. Sánchez e N. Chávez (coords.), *Antología de la divulgación de la ciencia en México* (pp. 138-151). Dirección General de Divulgación de la Ciencia, Universidad Nacional Autónoma de México.
- Federation of Finnish Learned Societies; The Committee for Public Information; Publishing, The Finnish Association for Scholarly; Universities Norway; European Network for Research Evaluation in the Social Sciences and the Humanities (2019). Helsinki initiative on multilingualism in scholarly communication. *Figshare. Journal contribution*. <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.7887059.v1>
- Instituto de Estadística de la Unesco [UIS] (2021). *Gasto en I+D por país*. Unesco. <http://uis.unesco.org/apps/visualisations/research-and-development-spending/#!lang=es>
- Kharasch, E. D., Avram, M. J., Clark, J. D., Davidson, A. J., Houle, T. T., Levy, J. H., ... e Vutskits, L. (2021). Peer review matters: research quality and the public trust. *Anesthesiology*, 134(1), 1-6. <https://doi.org/10.1097/ALN.00000000000003608>
- Kiesslich, T., Beyreis, M., Zimmermann, G. e Traweger, A. (2021). Citation inequality and the Journal Impact Factor: median, mean (does it) matter? *Scientometrics*, 126(2), 1249-1269. <https://doi.org/10.1007/s11192-020-03812-y>

- Larivière, V., Haustein, S. e Mongeon, P. (2015). The oligopoly of academic publishers in the digital era. *PLoS one*, 10(6), e0127502. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0127502>
- Naidorf, J. e Alonso, M. (2018). La movilización del conocimiento en tres tiempos. *Revista Lusófona de Educação*, 39(39). <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle39.06>
- Nature (2005). Not-so-deep impact. *Nature*, 435, 1003-1004. <https://doi.org/10.1038/4351003b>
- Repiso, R., Orduña-Malea, E. e Agudad, I. (2019). Revistas científicas editadas por universidades en Web of Science: características y contribución a la marca universidad. *Profesional de la Información*, 28(4), e280405. <https://doi.org/10.3145/epi.2019.jul.05>
- Rozemblum, C., Alperin, J. P. e Unzurrunzaga, C. (2021). Las limitaciones de Scopus como fuente de indicadores: buscando una visibilidad integral para revistas argentinas en ciencias sociales. *e-Ciencias de la Información*, 11(2). <https://doi.org/10.15517/eci.v11i2.44300>
- Salatino, M. (2017). *La estructura del espacio latinoamericano de revistas científicas* [Tesis de doctorado, Universidad Nacional de Cuyo]. Biblioteca Digital UNCUYO. <https://bdigital.uncu.edu.ar/10720>
- Salatino, M. e López, O. (2021). El fetichismo de la indexación. Una crítica latinoamericana a los regímenes de evaluación de la ciencia mundial. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad-CTS*, 16(46).
- Scimago (2021). *Journal rankings. SJR Scimago Journal & Country Rank*. <https://www.scimagojr.com/journalrank.php?category=3609&area=3600&wos=true&type=j>
- Seglen, P.O. (1997). Why the impact factor of journals should not be used for evaluating research. *The BMJ*, (314), 498-502. <https://doi.org/10.1136/bmj.314.7079.497>
- Shapiro, S. (2013). JSTOR, university presses, and the serials crisis. *Journal of Electronic Resources Librarianship*, 25(3), 240-242. <https://doi.org/10.1080/1941126X.2013.813319>
- Sobrido-Prieto, M., Talavera-Valverde, M. Á. e Souto-Gómez, A. I. (2021). Un estudio descriptivo de la presencia, visibilidad y calidad de las revistas de terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2205>
- The PLoS Medicine Editors (2006). The impact factor game. *PLoS Medicine*, 3(6), e291. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.0030291>
- Vanclay, J.K. (2012). Impact factor: outdated artefact or stepping-stone to journal certification. *Scientometric*, (92), 211-238. <https://doi.org/10.1007/s11192-011-0561-0>